

MAIS IMPORTANTE QUE “POR ONDE COMEÇAR?” É “PARA ONDE QUERO IR?”

CHRISTIAN DE SOUSA

Bixa puta fluida pansexual branca cis filho de Zulmirene, irmão da Ana Caroline e casado com outra bicha puta, o Bruno Novadvorski (artista visual e pesquisador) com quem criou o dueto artístico DUOCU. É de Brasília/Teresina/São Paulo. Designer gráfico, artista visual, fotógrafo, performer que tem na arte de corpos desnudas (sua e de outros) uma ferramenta de luta anti-hegemônica. No momento, realizando seu mestrado em poéticas visuais no PPGAV/UFRGS com a pesquisa “Retratos pós-pornográficos: as histórias contadas pelas Corpos Falantes” que desenvolve sob a ótica da pós-pornografia e da constrassexualidade, com orientação da professora Mônica Zielinsky e coorientação de Leandro Colling (da Universidade Federal da Bahia). Antes disso, especializou-se em Artes Visuais pelo SENAC/DF e graduou-se Bacharel em Relações Internacionais (pela Universidade de Brasília). Entre outras coisas, editor-chefe da revista digital [pós]CORPOS, co-editor da ANUAL e colaborador da revista Falo Magazine. Fã da cor vermelha, da Madonna e há pouco tempo, descobriu ser filho de Yemanjá, por intermédio da mãe de santo do seu marido. Em 2002, fundou a The Red Studio, atuando no campo do design gráfico, das artes visuais, da fotografia e com trabalhos expostos em várias cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Santos, Campinas, Olinda, Salvador, Amparo, Londres, Berlim, entre outras. Em 2019, criou a Residência Artística Sexual. Em parceria com os artistas Hugo Faz e Leandro Tupan, organiza os eventos Corpo de Quinta e NU Papel, em São Paulo.



RESUMO

NESTE ARTIGO, busco traçar aspectos da minha trajetória como designer gráfico, artista visual e fotógrafo a partir das minhas próprias experiências na tentativa de responder duas perguntas principais: “por onde começar?” e “para onde quero ir?” e como meus processos criativos vão se transformando na busca por estas respostas. Pensar criativamente é um movimento de profunda e constante reflexão sobre nossos métodos, modos de criar e nas relações que são feitas com as pessoas com as quais estabeleço conexão.

PALAVRAS-CHAVE

trajetória; pensamento criativo; processos criativos; experiências; design gráfico.

ABSTRACT

IN THIS ARTICLE, I seek to trace aspects of my trajectory as a graphic designer, visual artist and photographer from my own experiences in an attempt to answer two main questions: “where to start?” and “where do I want to go?” and how my creative processes are transformed in the search for these answers. Thinking creatively is a movement of deep and constant reflection on our methods, ways of creating and on the relationships that are made with the people with whom I establish a connection.

KEYWORDS

trajectory; creative thinking; creative processes; experiences; graphic design.

ESTE ARTIGO surgiu de provocações do Professor Doutor Fabiano Scherer na disciplina de Processos Criativos em Design que realizei entre o final de 2020 e início de 2021 durante o meu mestrado em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste texto, busco pensar sobre meus caminhos e trajetórias na construção não apenas do meu olhar como artista visual, mas nos aprendizados como designer gráfico e, posteriormente, como fotógrafo, e, também, em como cada uma destas áreas se conecta e alimenta uma à outra. Para pensar nestes processos, parto de duas perguntas: por onde começar? e para onde quero ir?, tentando respondê-las a partir de uma autorreflexão, como dizem por aí: “Conhece-te a ti mesmo”¹.

POR ONDE COMEÇAR?

Jean Lancri pergunta “Por onde começar?” (2002, p. 18). Pergunta semelhante traz o Prof. Fabiano Scherer nas primeiras aulas de Processos Criativos em Design: “Como podemos criar o novo?”, e ainda aprofunda, “Como podemos identificar o novo?”. Mas não quero começar por responder – ou tentar responder – a estas perguntas. Quero, inicialmente, fazer uma contextualização da minha própria trajetória como designer gráfico, artista visual e fotógrafo e como cada uma destas áreas foi conduzindo meus caminhos (para não escrever metodologias e/ou métodos) na construção dos meus processos criativos.

Como já mencionado no parágrafo anterior, sou uma pessoa multidisciplinar e para cada uma dessas áreas, há peculiaridades pertencentes ao modo de conduzir minhas ações de processos criativos, pesquisas e trabalhos. Por exemplo, o caminho para a construção da identidade visual de uma empresa de advocacia de um cliente que contratou meus serviços de design

1

A frase “conhece-te a ti mesmo” é considerada um dos aforismos mais famosos da história. Entende-se por aforismo todo pensamento transmitido em poucas palavras, isto é, de forma breve. Esta expressão foi escrita no pórtico de entrada do templo do deus Apolo, em Delfos na Grécia, no século IV antes de Cristo. A autoria da frase é desconhecida, mesmo sendo atribuída a algumas figuras gregas. Acredita-se que tenha se originado de um dito popular na Grécia. Seja como for, a sentença é compreendida como um oráculo de Apolo, sendo uma mensagem do deus para todas as pessoas. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/conhece-te-a-ti-mesmo>. Acesso em 21 de julho de 2021.

gráfico pode ser diferente do trilhado na produção de um ensaio fotográfico autoral com uma pessoa trans não-binária². Assim, acho importante estabelecer, minimamente, esses campos para então me aprofundar nas perguntas acima colocadas.

Minha primeira formação é em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília, um curso naturalmente interdisciplinar. Em 2002, no mesmo ano em que me graduei bacharel, fundei a The Red Studio, uma empresa, até então, focada em design gráfico e de web, ou seja, na criação de identidades visuais, impressos e sites. Em 2011, finalizei a pós-graduação de Especialização em Artes Visuais: Cultura e Criação pelo SENAC/DF, ampliando o foco inicial da minha agência e, em 2014, a fotografia vem complementar esta tríade: design gráfico, artes visuais e fotografia. A cada momento, quando estes conhecimentos se tornavam presentes, não o fazia como excludente ou anulando o anterior. Pelo contrário, eles se conectavam transformando meus processos, tornando-os cada vez mais interdisciplinares. E, agora, como mestrando em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/UFRGS), novas possibilidades surgem neste tão vasto repertório chamado Processos Criativos.

Apesar de, muitas vezes, o processo criativo ser visto como uma etapa do processo projetual, em uma fase específica em que é necessário gerar ideias para uma solução, o design é em si uma atividade criativa e o processo de projeto faz parte de um processo criativo, que ocorre em uma rede de relações entre diversos elementos para a criação de novas ideias. (CSIKSZENTMIHALYI, 2006, apud SCHERER, 2020)

Assim, de uma forma geral, como construir este pensamento/processo criativo, buscando abraçar todos os campos que atuo como um conjunto de possibilidades, oportunidades gerando escolhas que me levarão a um determinado caminho alcançando o resultado para o projeto em questão, seja de design gráfico, artes visuais e a própria fotografia? Como estabelecer conexões

2

Desde 2019, tenho utilizado a linguagem não-binária nos meus escritos como forma de inclusão e respeito a todas as pessoas que não se identificam dentro da linguagem binária masculino/feminino.

entre todos estes conhecimentos para a construção de algo que possa ser identificado como novo? Como escreve Csikszentmihalyi (2006, p. 3, tradução nossa): “Criatividade é um processo que só pode ser observado na intersecção onde os indivíduos, domínios e campos interagem”³. Então, como construir estas intersecções? De onde partir?

Lancri responde àquela pergunta assim: “Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância” (2002, p.18). Eu respondo que parto do que me rodeia, do que me provoca, do que me faz ter dúvidas, do que eu não sei, do que me faz questionar constantemente o meu agir, o meu pensar, o meu ser. Adicionaria, ainda, que parto das relações/conexões que construo, das coisas boas e ruins que acontecem comigo. Assim é com o design gráfico; assim tem sido com as artes visuais e meus trabalhos e pesquisas de arte, principalmente na fotografia. Nos casos que apresento a seguir, aprofundo-me nesta ideia para, então, voltar às perguntas iniciais

CASO 01

Quando comecei a atuar no design gráfico, em 2002, entre as minhas estratégias de ação estavam a realização do briefing com o cliente e, a partir deste, o desenvolvimento de três projetos de marca para que o cliente escolhesse um deles. No entanto, após um período realizando este método, percebi que não era eficiente, pois eu acabava investindo o triplo do meu tempo para um único projeto. Definido o problema, precisava de uma solução, o que me fez lembrar aqui dos modelos de processo criativo de Graham Wallas (1926) e, especificamente, de Bernard Roth (2015) trazidos por Fabiano Scherer nas aulas que:

defende que há um processo criativo que geralmente é seguido por todos, sendo consciente para algumas pessoas e inconscientemente para a maioria. Esse processo consiste em 5 etapas que podem ajudar desabrochar a criatividade presente em todos nós. São elas: preparação, esforço concentrado, incubação, iluminação/insight e continuação. (ROTH, 2015, apud SCHERER, 2020)

3

“Creativity is a process that can be observed only at the intersection where individuals, domains, and fields interact.”

Então, me aprofundi ainda mais no estudo de briefings (esforço concentrado), buscando formas de torná-los mais eficazes e eficientes, deixando de lado a exclusividade técnica de antes para algo mais relacional e perceptivo, tornando esse momento um espaço de aproximação com o meu cliente. Com o tempo, o aprimoramento do briefing proporcionou-me escolher a metodologia mais apropriada para alcançar o resultado esperado. Desde então, minha taxa de aprovação de projetos gráficos na primeira apresentação gira em torno de 90%, os outros 9,9%, referem-se a pequenas alterações, e 0,1% são reprovações. Tudo isso só foi possível por meio da observação dos meus próprios métodos de trabalho, buscando melhorá-los e, assim, alterando minhas próprias ações.

CASO 02

Em seguida, trago uma outra área na qual atuo: a fotografia. Primeiro, importante mencionar que esta fotografia de corpos, da sexualidade, da nudez, surgiu pela primeira vez na pós-graduação em artes visuais, quando realizei o primeiro ensaio de um corpo nu – *As Cinco Cores do Sexo* (2011)⁴ (Figura 01). O diálogo entre mim e o modelo foi importantíssimo para a construção das imagens, de entender que era mais do que um corpo nu diante de mim. Era uma pessoa com desejos e anseios, medos e inseguranças e minha postura ali era primordial para que o ensaio não apenas acontecesse, mas também fosse positivo para ele e para mim. Não poderia haver ali uma barreira; algo que me distanciasse daquela pessoa que se colocara desnuda para mim. Não era apenas um clique num botão. Entender esta dinâmica de relação entre mim e as pessoas que fotografei e/ou fotografaria dali por diante era vital para a construção das narrativas fotográficas a serem construídas.



FIGURA 1
CHRIS, THE RED

As Cinco Cores do Sexo: Paladar, 2011
Fotografia e design gráfico
Brasília, Distrito Federal, Brasil

CASO 03

Como alguém interdisciplinar, nenhuma destas áreas de conhecimento são independentes. Elas se devoram, se alimentam

4

Disponível em <http://thered.com.br/index.php/projetos-as-cinco-cores-do-sexo>

uma da outra e regurgitam outras coisas, como a extensa pesquisa que realizo nos processos criativos do design gráfico e que se expandiram para outros campos da criatividade. Como a profunda realização de pesquisa antes de iniciar qualquer criação de uma identidade visual, por exemplo. Tendo o briefing como base, começava um intenso processo de pesquisa sobre os assuntos levantados. Entender os pontos importantes do negócio do cliente era essencial para o processo criativo que viria a seguir. E esta base em pesquisa foi essencial para os meus primeiros trabalhos fotográficos. Sempre que uma nova ideia para um ensaio surge, a minha primeira estratégia de ação é pesquisar profundamente sobre a temática. E o mais importante, conhecer as pessoas que iria fotografar. Entender a profunda relação existente entre as minhas vivências e as das pessoas que se desnudavam para mim e minhas lentes.

Meu intuito, com a fotografia, é conectar-me com elas por meio deste processo artístico e, para isso, entendia como importante entender como fotografar cada um destes corpos e não ser simplesmente o olhar de um fotógrafo sobre estas pessoas. (THE RED, 2020, p. 519).



FIGURA 2
CHRIS, THE RED
Still de vídeo captado por Bruno
Novadvorski
2020
São Paulo, Brasil

CASO 04

Quando estou criando, sempre penso nas inúmeras possibilidades que um mesmo projeto pode seguir para então estabelecer os caminhos criativos a serem escolhidos. Então, enquanto um profissional que atua tanto no campo do design gráfico como no campo das artes visuais, busco sempre pensar

nas intersecções destas áreas. Por exemplo, quando, ao desenvolver a marca de um cliente advogado, pintei uma tela da qual extrai a textura que utilizei na criação da identidade visual (marca e papeleria). Ou ainda, quando de uma única gravação, desdobram-se três obras artísticas diferentes, como aconteceu com o registro de vídeo realizado durante a quarentena (Figura 02) e que gerou as obras Diltopias (2020) (Figura 03), Contranome: Chris (2020) (Figura 04) e Cronotopia (2021) (Figura 05).



FIGURA 3
CHRIS, THE RED

Diltopias, 2020

Quarenta peças impressas em papel couché adesivadas em madeira
Dimensões variadas
São Paulo, Brasil

Estes quatro casos mencionados servem como uma pequena amostra para exemplificar as minhas escolhas criativas, que não partem sempre do mesmo lugar e não usam sempre a mesma metodologia, o que para mim é essencial para o resultado que desejo alcançar nas minhas criações gráficas e/ou artísticas, principalmente agora com a realização da minha pesquisa de mestrado.

O meu projeto de mestrado é sobre os Corpes Dissidentes, que são colocados à margem, que são violentados, calados. E nesta busca por retratá-les, um profundo processo de autoconhecimento se fez presente. Como escreve Sandra Rey, “o artista, às voltas com o processo de instauração da obra, acaba por processar-se a si mesmo, coloca-se em processo de descoberta. Descobre coisas que não sabia antes e que só pode ter acesso através da obra.” (1996, p. 87). Fotografar estas corpos só se tornou possível quando entendi uma série de questões a meu próprio respeito:

de entender-me como poderia eu, um ser humano inserido numa zona de privilégio definido como homem, branco, cis, classe média, conectar-me com outras pessoas e suas múltiplas diversidades e contar suas histórias por meio da fotografia, indo além de um simples registro de uma imagem (ou o clique de um botão). (THE RED, 2020, p. 519)



FIGURA 4
CHRIS, THE RED

Contranome: Chris [Crio], 2020

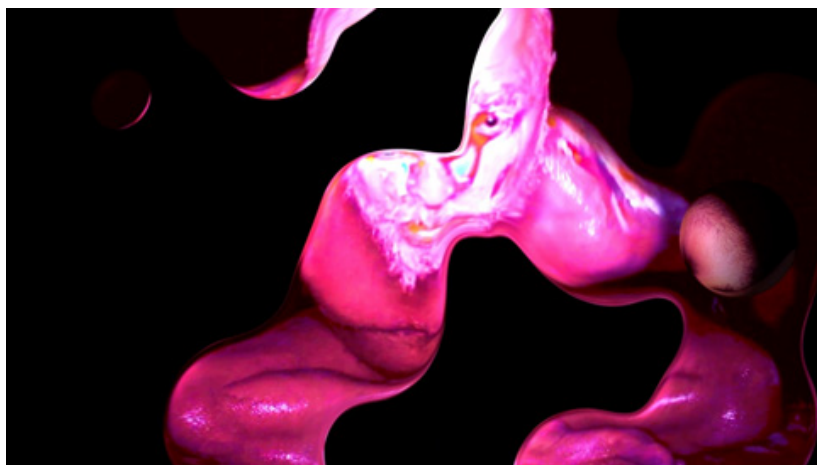
Impressão

60 x 40 cm

São Paulo, Brasil

Fotografia: Chris, The

FIGURA 5
CHRIS, THE RED
Cronotopia: Cellulam (Trilogia), 2021
Vídeo, 1 min 45 seg
São Paulo, Brasil



Então, ao longo do meu processo de aprendizado na fotografia, fui optando por recortes. Por exemplo, comecei a fotografar corpos nus de homens cis, aqueles com os quais tinha uma conexão direta por também me entender como um homem cis. Quando fotografei o corpo nu de uma mulher cis pela primeira vez, foi um profundo processo de entendimento do meu próprio lugar como homem diante da questão feminina e feminista, de buscar entender como o corpo de uma mulher cis foi retratado ao longo dos anos. Então, vários diálogos foram realizados entre mim e a Gabriela até a realização do ensaio que faz parte do projeto *Toda Nudez Será Repreendida* (2017)⁵ (Figuras 06 e 07).

E assim aconteceu quando fotografei corpos negras, corpos trans, não-binárias e todas as múltiplas percepções que temos das nossas corpos, das nossas identidades. Para cada uma dessas construções fotográficas, foi importante entender e perceber minhas ações e meus processos. Compreender que há uma diferença na vivência de uma mulher negra cis para uma mulher negra trans.

E desta série de conexões, vivências e aprendizados, quero destacar quando fotografei uma corpa trans pela primeira vez. Na época, tive muitas dúvidas sobre o meu lugar diante das questões e pautas da comunidade trans. Como uma pessoa cis, como poderia eu fotografar uma pessoa trans? Esses autoques-

5

Disponível em <http://thered.com.br/index.php/projetos-toda-nudez-sera-repreendida>

6

Disponível em <http://thered.com.br/index.php/photography-sacra-sexuallis>

tionamentos são vitais para a produção do meu trabalho, pois estão diretamente relacionados às minhas escolhas. Meu trabalho artístico é altamente político. Pelas minhas fotografias, estou conversando com a luta pelo fim da opressão e da violência que são causadas aos nossos corpos, ao meu corpo bicha, ao corpo negro, ao corpo trans, ao corpo feminista, ao corpo feminino e a todos os corpos. Quando realizo um ensaio fotográfico, não sou eu o protagonista daquela história. Estou ali como uma pessoa buscando entender o meu papel nas lutas sociais e políticas e, principalmente, nas vivências das pessoas que se desnudam para mim. E isto também se reflete ao fotografar corpos trans, como a Fernanda Kawani, no projeto *Sacra-Sexualis* (2018) (Figura 08)⁶, no qual ela faz o papel de Maria Madalena.

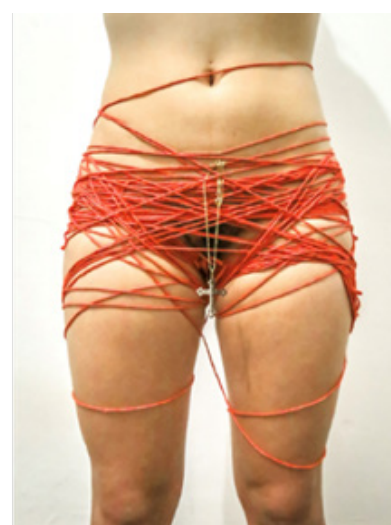
Érika Hilton, Vereadora de São Paulo, quando perguntada pela Vitória Régia, do Portal Gênero e Número, no programa *Roda Vida* de 01 de fevereiro de 2021, sobre Qual o papel das pessoas cis no combate a transfobia e como podem ser aliados no momento trans brasileiro?, responde:

Eu digo sempre, Vitória, que nós, os outros movimentos, bebe do que nos ensinou o movimento negro enquanto primeiro movimento de luta e quando nós vamos ler Angela Davis, Mandela, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez. Quando vamos ler as histórias das mulheres negras que nos antecederam e abriram caminhos para que pudéssemos estar aqui hoje, para que eu pudesse enquanto mulher negra travesti, ser uma das mulheres mais bem votadas do país, nós entendemos que o papel dos aliados é fundamental. Nós não vamos desconstruir o racismo e a transfobia se nós mantermos a discussão somente entre a negritude ou entre as LGBTQs porque não somos nós que formulamos essas metodologias de opressão e de desumanização do nosso corpo. Nós elaboramos a partir da nossa dor e do nosso sofrimento um método de trazer para as pessoas cisgêneras, para as pessoas brancas o que elas estão fazendo para que elas acordem, saiam desse delírio, desse pacto narcisista da branquitude, da cisgeneridade e a partir deste lugar, compreenda qual é o seu papel. As alianças são importantes. Todo mundo tem



FIGURAS 6 E 7
CHRIS, THE RED

Toda Nudez Será Repreendida, 2017
Fotografia
30 x 20 cm
São Paulo, Brasil



o direito e o dever de falar sobre todas as coisas. É só preciso saber de que local eu falo. De que momento, eu falo. E se as pessoas brancas não tirarem a sua bunda do sofá e levantarem para entender qual é a gravidade do que acontece no Brasil com relação ao racismo e cisgeneridade, nós não vamos avançar. Então, eu acho que o papel dos aliados é sim em compreender nossas lutas. É entender o que nós estamos elaborando, permitir e deixar que nós sejamos protagonistas porque a luta é nossa, nós precisamos protagonizar, mas na ausência de um corpo trans, um corpo cisgênero precisa ser antitransfobia. Na ausência de um corpo negro, um corpo branco precisa ser antitransfobia porque só assim nós vamos superar as violências e opressão. A luta antiracista e antitransfobia não é só de pessoas negras e pessoas trans. É de toda a sociedade. (HILTON, 2021)⁷

A partir desses casos, reflito sobre o conceito de pensamento abduutivo, nas palavras de Charles S. Peirce: “Abdução é o processo de formação de uma hipótese explanatória. É a única operação lógica que apresenta uma ideia nova, pois a indução nada faz além de determinar um valor, e a dedução meramente desenvolve as consequências necessárias de uma hipótese pura.” (PEIRCE, 2000, p. 220). Penso também no texto *Design Problems and Design Paradoxes* (2006), de Kees Dorst, ao citar Louis Bucciarelli (1994): “Design é fundamentalmente um processo social” (BUCCIARELLI, 1994, apud DORST, 2006, p. 13)⁸. Processo criativo, Pensamento criativo, técnicas criativas, são todas respostas às interseccionalidades que vamos construindo ao longo das nossas conexões, das nossas memórias e percepções, como o professor Fabiano escreve: “O pensamento criativo será influenciado pelas características relacionadas ao indivíduo, sua motivação e os fatores do contexto no qual se insere” (SCHERER, 2021), e, a partir daí, vamos criando algo que possa ser entendido e identificável como novo.

7

Esta é uma transcrição literal da fala da Érika Hilton no Programa Roda Viva.

8

“Design is fundamentally a social process.” (Tradução nossa)



É a partir disso que aprofundo a construção da minha pesquisa em poéticas visuais, que “possui como singularidade que o artista tenha como objeto de pesquisa o seu processo de trabalho; tencionando de modo crítico a reflexão sobre sua própria trajetória na forma de uma investigação” (GONÇALVES, 2019, p. 3). Assim, foi a partir da minha observação sobre o meu próprio modo de fazer/criar que fui – e vou – construindo minhas trajetórias e pensando continuamente meus processos criativos. Um constante aprendizado e entendimento de que “o que está em jogo é a gênese mesma de seu [meu] trabalho, seus [meus] processos e escolhas” (GONÇALVES, 2019, p. 5), ou seja, cada decisão feita durante todo esse percurso me levou a este momento: de pensar meus processos criativos a partir das e para as relações que vou construindo. De pensar nas histórias de todas estas pessoas que são colocadas à margem pelo sistema cis-heteronormativo. Histórias com as quais me conectei e com as quais ainda me conectarei ao longo desta minha jornada como designer, artista, fotógrafo e nas provocações que todas elas causam no meu pensamento criativo, transformando-o em uma importante arma na luta anti-hegemônica para não apenas responder às questões trazidas no início deste texto, mas principalmente – e creio que até mais importante, responder: para onde quero ir?

FIGURA 8
CHRIS, THE RED
Sacra-Sexualis I: Primus in deliciis vixerunt, 2018
 Fotografia
 40 x 60 cm
 São Paulo,

PARA ONDE QUERO IR?

Durante a disciplina, mais especificamente nas apresentações dos seminários, uma dinâmica envolvendo o método a ser apresentado deveria ser realizada a partir de uma proposta feita pelo professor Fabiano. Meu seminário foi sobre Analogias e a provocação feita foi: “Como eu posso sentar?”. Assim, propôs-se aos demais participantes da turma um exercício envolvendo o método e a questão. Tendo em mente a minha trajetória, pensei que seria um excelente momento de trazer algumas provocações à turma para pensar o ato de sentar para além do que o imaginário coletivo está acostumado e, para isso, faço um recorte bem específico: como sentam as pessoas com deficiência? Entendendo Pessoas com Deficiência de acordo com o Art. 2º da Lei Nº 13.146, de 06.07.2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), no qual “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Na minha turma da disciplina Antropologia e Marcadores Sociais de Diferença: saberes e éticas insurgentes, conheci o Jéferson Alves, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e foram nossas conversas que me provocaram a pensar na dinâmica que apresentei no seminário. Jéferson é escritor, professor e mestre em antropologia social. Ele tem Hemangiomatose Sistêmica Cavernosa, uma má formação dos vasos sanguíneos, que acarreta anemia crônica (perda de sangue por meio das fezes e da urina). Um tratamento errado provocou o encolhimento da sua perna. Quando Jéferson se senta, ele tem que colocar a perna para cima, na altura do coração para ajudar na circulação do sangue. Além disso, também há a questão da diferença das nádegas e de que ele não consegue sentar-se com a coluna ereta.

Refletindo na história e no corpo de Jéferson, como este nosso “primeiro e mais natural instrumento” (MAUSS, 2017), penso no escrito:

A inclusão é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente

tendo em vista a equiparação de oportunidades e, consequentemente, uma sociedade para todos. A inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos da sua vida. (SASSAKI, 1999 apud ULBRICHT, FADEL e BATISTA, 2017, p. 33)

No que vimos sobre Analogias e afins, fiz o seguinte questionamento à turma: “como podemos repensar o modo de sentar e até mesmo o conceito de sentar ao desenvolver produtos para pessoas com deficiência?”. Assim, indiquei um tipo de deficiência e pedi que pesquisassem sobre e esboçassem possibilidades de design de produtos para cada uma delas: autismo, ostomia, paraplegia, auditiva, amputação ou ausência de um membro, visual, nanismo e Síndrome do X Frágil.

Não trarei neste artigo os resultados apresentados, pois mais importantes foram as provocações feitas às nossas zonas de conforto. Para pessoas sem deficiência, como eu, estamos tão acostumados a pensar o mundo como um espaço exclusivo que acabamos esquecendo a diversidade que existe entre nós e como o dia a dia pode ser muito mais complicado em situações tão “triviais” como o ato de sentar-se. Propor dinâmicas como essa nos provoca a repensar nossas escolhas e as formas que escolhemos para nossas produções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, é este o caminho que penso seguir quando me pergunto “para onde quero ir?”. Quero ir para onde possa provocar reflexões, rupturas, outros pensamentos, outras zonas longe das confortáveis. Seja no campo do design gráfico, ao pedir a um cliente para alterarmos a linguagem utilizada nos materiais promocionais para uma comunicação não-binária – como a que utilizo neste artigo. Seja no campo da fotografia, quando minhas narrativas fotográficas são narrativas políticas sobre histórias de pessoas que rompem com as hegemonias. É por aí que quero ir, por outros espaços, outros caminhos, mas sem esquecer nunca as perguntas que me levaram até aqui: “por onde começar?” e “para onde quero ir?”, pois as respostas sempre podem mudar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, Distrito Federal, 06 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

BUCCIARELLI, L.L. **Designing Engineers**. Cambridge, Estados Unidos: MIT Press, 1994.

CSIKSZENTMIHALYI, M. A systems perspective on creativity. In: HENRY, J. **Creative Management and Development**. Londres: Sage Publications, 2006.

DORST, Kees. Design Problems and Design Paradoxes. **Design Issues**, Cambridge, Estados Unidos, v. 22, n. 3, p. 4-17, jul. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/desi.2006.22.3.4>.

GONÇALVES, Flávio. As categorias peirceanas e as poéticas visuais (uma argumentação doméstica). Porto Arte: Revista de Artes Visuais, **Porto Alegre**, v. 24, n. 41, p. 1-17, jul-dez. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/97212/54354>.

LANCRI, Jean. Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na Universidade. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. (orgs.) **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

PEIRCE, C. S. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v.

RED, Chris The. Medo + Quarentena + Corpos + Fotografia = Outras Conexões. In: ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, 10, 2020, Vitória. **Anais do X Seminário Ibero-Americano sobre o Pro-**

cesso de Criação nas Artes. Vitória: EDUFES, 2020. p. 518-524.
Disponível em: <https://leena.ufes.br/>.

REY, Sandra. Da Prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais. **Porto Arte:** Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v.7, n.13, p.81-95, nov. 1996. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/27713>.

RODA Viva com Érika Hilton. São Paulo: TV Cultura, 2021. (87 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qvzQ-d0tN27w>.

SCHERER, Fabiano. **Material da Disciplina Processos Criativos em Design.** Programa de Pós-Graduação em Design, PPG-DESIGN – UFRGS, 2020.

ULBRICHT, Vania; FADEL, Luciane; BATISTA, Claudia (orgs.). **Design para acessibilidade e inclusão** [livro eletrônico]. São Paulo: Blucher, 2017.